



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**O PAPEL DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE
DE PEDAGOGIA**

BIANCA DIAS DE SOUZA

RIO DE JANEIRO

2016

O PAPEL DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO
ESTUDANTE DE PEDAGOGIA

BIANCA DIAS DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito
final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Prof^ª. Dr^ª. Marcela Afonso Fernandez (Orientadora)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Dezembro
2016

**O PAPEL DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE
DE PEDAGOGIA**

BIANCA DIAS DE SOUZA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Prof. Me. Diego da Silva Vargas

Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

*“Ler é emancipar-se!
É sair do lugar-comum e conseguir, através das
palavras, adentrar a um novo mundo, repleto de
imaginação, conhecimento e atitude. Ser
absoluto!!!”*

(Monteiro Lobato)

DEDICATÓRIA

Dedico esta vitória à minha família e amigos que me acompanharam e fortaleceram durante esta longa e difícil trajetória na graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me capacitar, sustentar e colocar em mim o desejo, a força e a fé para ir à luta e realizar um grande sonho.

À minha mãe Maura Dias, pela árdua tarefa de criar e educar dois filhos sozinha.

Ao meu esposo Nelson Neto, por ouvir todos os desabafos, suportar o meu cansaço, estresse e noites sem dormir nesses quatro anos.

Ao meu irmão Diego Cyrino, por despertar em mim a vontade de crescer na vida.

Ao meu pai João Carlos, pelas palavras de equilíbrio e sabedoria.

À minha família, por me incentivar mesmo que à distância.

Às amigas Ana Cristina Moledo e Gabriela Faustino, por estarem ao meu lado no decorrer desta jornada, construindo vivências e saberes significativos e segurando as minhas mãos para que eu não desistisse no meio do caminho.

À Prof^a. Dr^a. Lucia Helena Pralon, por confiar em mim a responsabilidade de ser Bolsista de Iniciação à Docência, proporcionando-me a primeira experiência enquanto professora no chão da escola. Como também, por motivar, enxergar o potencial e ensinar na prática o que é verdadeiramente ser uma docente com a afetividade.

À diretora da Escola de Educação, Prof^a. Dr^a. Sandra Albernaz de Medeiros, por não somente cuidar de si, mas cuidar do outro. Sempre escutando e fazendo o possível para manter cada estudante dentro da Universidade.

À minha querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Marcela Afonso Fernandez, por todo carinho e paciência durante a escrita desta monografia e também pela confiança ao dar abertura para que eu fosse bolsista de seu projeto de extensão “Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária”, ao qual trouxe inúmeros sentidos e benefícios para a minha formação profissional e enquanto ser humano.

Ao Prof. Me. Diego Vargas, por aceitar generosamente ser o segundo leitor desta monografia.

Não poderia deixar de prestar o meu agradecimento às demais amigas (Aline Doherty, Camila Inacio, Fernanda Gravina, Larissa Marinho e Mírian Lopes), por me escutarem sempre, compreenderem as minhas ausências e darem total apoio para que eu seguisse em frente.

Enfim, para todas as pessoas que contribuíram no decorrer deste curso e neste trabalho final.

SOUZA, BIANCA DIAS DE. **O PAPEL DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA.** Brasil, 2016, 49 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo investigar e trazer reflexões sobre as leituras literárias que são desenvolvidas no contexto educacional, atentando para a necessidade de práticas que contribuam significativamente para a formação do leitor, uma vez que o foco é a constituição do leitor pedagogo no âmbito universidade. Para tal, realizei uma pesquisa de cunho qualitativo, a partir de um estudo bibliográfico de alguns pensadores que se debruçam sobre o tema leitura literária, como, por exemplo, Marisa Lajolo (2000), Sérgio Leite e Lilian Oliveira (2004), Sônia Kramer (2000), Eliana Yunes (2009), dentre outros. A coleta e análise dos dados da pesquisa foi implementada no segundo semestre de 2015 a partir dos registros e das entrevistas tendo como base as experiências de leitura vivenciadas por quatro estudantes oriundos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que são participantes do Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*. Com esta abordagem busco delinear o papel da leitura literária na construção profissional, cidadã e humana do futuro professor.

Palavras-chave: leitura; leitura literária; literatura; círculo de leitura; estudante de Pedagogia.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.....	p.21
Figura 2.....	p.22
Figura 3.....	p.22
Figura 4.....	p.23
Figura 5.....	p.24
Figura 6.....	p.24
Figura 7.....	p.25
Figura 8.....	p.26
Figura 9.....	p.26

SUMÁRIO

Resumo.....	p.06
1. Introdução.....	p.09
2. Capítulo 1: Aspectos da Leitura Literária no Contexto Educacional.....	p.11
2.1 O paradigma da leitura fragmentada.....	p.11
2.2 Leitura literária em foco: contribuições na formação do pedagogo.....	p.13
2.3 Uma prática literária significativa: círculo de leitura.....	p.16
3. Capítulo 2: Mergulho no campo – Ler e compartilhar: práticas de formação solidária.....	p.19
3.1 Descrição do Projeto.....	p.19
3.2 Metodologia.....	p.20
3.3 Análise interpretativa das folhas de registros.....	p.21
3.4 Análise das entrevistas.....	p.27
4.Considerações finais.....	p.35
5. Referências.....	p.37
Anexo A.....	p.38
Anexo B.....	p.42
Anexo C.....	p.44

1. INTRODUÇÃO

Tomando por base as experiências e inquietudes vividas ao longo da educação básica e do ensino superior dentro de sala de aula, a presente monografia tem por objetivo investigar e trazer reflexões sobre como as leituras literárias são desenvolvidas na escola e na universidade, apontando para a necessidade de práticas significativas que contribuam para a formação do futuro professor e de seus futuros estudantes.

De acordo com minhas memórias do Ensino Fundamental e Médio, percebo que o contato que tive com textos literários não se deu da melhor maneira possível. Geralmente copiava do quadro os fragmentos de poemas e logo depois respondia algumas perguntas no caderno e/ou apostila. Não me recordo de ter participado de nenhuma roda de leitura ou debate sobre o que havia compreendido daquelas obras. Lembro apenas o fato de ter sido pressionada diversas vezes a ler na frente de meus colegas, o que aumentava ainda mais a minha timidez.

Na graduação, todavia, esta aproximação com a leitura literária ocorreu de forma positiva, despertando ainda mais o desejo pela mesma. Porém, notei que poucas matérias fazem pontes entre este tipo de leitura e o texto científico (artigos, teses, monografias, dissertações, etc.), despertando em mim o desejo de explorar os benefícios da literatura durante a formação do estudante de Pedagogia.

Inicialmente no capítulo 1, realizo um estudo bibliográfico acerca das seguintes questões norteadoras desta pesquisa: “Quais são as leituras realizadas pelos estudantes de Pedagogia dentro e/ou fora da UNIRIO?” e “De que maneira a leitura literária realizada por meio da estratégia círculo de leitura, pode contribuir para a formação do estudante de Pedagogia?”.

Meu ponto de partida é o fato de observar que o uso da literatura durante as aulas da formação em Pedagogia se dá de forma precária, limitando-se a exercícios de caráter obrigatório, que impedem o encontro crítico dos estudantes com o texto, podendo, inclusive, causar traumas. Lajolo (2000) enfatiza em sua obra essa situação, apontando para a urgência da melhoria na qualidade da formação docente e na importância do trabalho de mediação que precisa realizar com a leitura literária.

Nesse sentido, Leite e Oliveira (2004), salientam acontecimentos acadêmicos, que na maioria das vezes acabam ocorrendo dentro da própria escola. Os autores destacam o valor da leitura de gêneros literários, a qual os discentes e futuros professores não estão acostumados a lidar, pois os textos teórico-científicos encontram-se mais presentes nas disciplinas do curso de Pedagogia. Para esses autores esses gêneros surgem como ferramentas para alcançar a interatividade entre os sujeitos-leitores, bem como a criticidade, a liberdade e o prazer.

Dialogando com os escritores referidos, Kramer (2000) ao focalizar a valorização da leitura literária como experiência, coloca a mesma como uma possibilidade relevante para desconstruir práticas fragmentadas e acríticas. Seguindo esse embasamento teórico, Yunes (2009) compreende a importância do círculo de leitura, onde todos os envolvidos tornam-se os atores e agem de forma colaborativa para o desenvolvimento das capacidades de leitura individuais e coletivas, rompendo assim, com as técnicas mecanizadas do contexto escolar.

O foco dessa investigação tem como público-alvo a constituição do leitor pedagogo na universidade, este que é habilitado para atuar na Educação Infantil, Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) no ensino regular ou na modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos, Ensino Médio (Normal) e na Gestão, justamente onde se situa a raiz do processo educativo.

Posteriormente, no capítulo 2 desenvolvo uma pesquisa qualitativa a partir de um “mergulho no campo” relacionado ao Projeto de Extensão *Ler e compartilhar: práticas de formação solidária*, criado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pela Prof^a. Dr^a. Marcela Afonso Fernandez. Nesta investigação, tive a oportunidade e a enorme satisfação de atuar como leitora e Bolsista de Incentivo Acadêmico, no período de maio a novembro de 2015.

Nesse capítulo, trago a descrição das características e objetivos do projeto, bem como a metodologia utilizada, fazendo a análise das folhas de registros distribuídas ao final do círculo de leitura realizado a cada encontro, contendo os sentidos de leitura dos participantes. Além disso, realizei entrevistas com quatro leitores integrantes do projeto para descobrir suas vivências com a leitura literária nesta atividade e os desdobramentos dela na formação como pedagogos. Por fim, nas considerações finais, articulo os dados obtidos com as reflexões suscitadas pelo estudo bibliográfico, delineando o papel da leitura literária na formação do pedagogo.

2. CAPÍTULO 1: ASPECTOS DA LEITURA LITERÁRIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

O presente capítulo pretende tecer uma reflexão acerca do papel da leitura literária e do impacto dessas práticas leitoras na formação do pedagogo.

2.1 O PARADIGMA DA LEITURA FRAGMENTADA

A escola e a universidade são ambientes educacionais que constituem os sujeitos-leitores. Na educação básica, por vezes a leitura possui caráter obrigatório, fazendo com que os estudantes cumpram tarefas e conseqüentemente sintam-se enfadados e desmotivados. Um exemplo disso seriam as atividades propostas por livros didáticos e apostilas com enunciados, como: “volte ao texto e transcreva o verso da segunda estrofe”. Nota-se que essa prática de leitura acaba privilegiando apenas a decodificação, excluindo e ignorando a subjetividade do leitor ao atribuir um sentido ao texto literário lido.

Por outro lado, os professores não são ouvidos em suas escolhas metodológicas e sentem-se pressionados a utilizarem livros em sua prática de sala de aula como “objetos de consumo”, tornando as obras literárias como algo sem valor, impossibilitando o encontro crítico e prazeroso do texto com dos estudantes. Para tanto, é fundamental que o docente esteja preparado e sinta-se motivado, a fim de que possa descobrir e construir caminhos positivos para a promoção dos textos literários no âmbito educacional. “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.” (LAJOLO, 2000, p. 15)

Lamentavelmente, o estudante-leitor atua como o agente passivo mediante uma leitura com o fim de responder às questões de exercícios. Por isso, é necessário refletir sobre as obras que são oferecidas aos professores que trabalharão e trabalham no chão da escola, neste caso, especialmente, o pedagogo. A universidade enquanto formadora de professores deve contribuir para uma leitura como experiência, rompendo com o uso tradicional da cientificidade. “Acreditamos que o professor é fundamental no processo de formação desse novo tipo de leitura, como mediador na construção do conhecimento

através da reflexão contínua, da colaboração e do diálogo.” (LEITE; OLIVEIRA, 2004, p. 22)

No contexto universitário, os textos teórico-científicos favorecem trocas e intertextualidades dependendo da conduta do mediador, o docente. Geralmente, essa presença científica na academia se dá com o objetivo de desenvolver seminários, debates, resumos, etc. Assim, o estudante em formação tende a desenvolver uma visão mais fechada do que é lido, restringindo-se muitas vezes ao sentido interpretativo do que o autor quis dizer, renunciando a sua opinião, enfoque e/ou bagagem de vida.

Percebo que o ambiente escolar na maioria das vezes reproduz as práticas de leitura e análise de textos acadêmicos empregadas no ensino superior, anulando as múltiplas significações envolvidas na produção de sentidos atribuídos aos gêneros textuais diversos, dentre eles, em relação ao texto literário.

Penso que é de suma importância que o professor conheça o cotidiano e a realidade sociocultural dos estudantes, com o propósito de fazer com que surjam questionamentos e trabalhos dialógicos com a literatura. E para que isto ocorra, é imprescindível pensar em uma formação que colabore para uma atuação efetiva, desafiadora e de qualidade dentro e fora de sala de aula.

Nesse sentido, é fundamental que os docentes universitários articulem e repensem suas estratégias didático-pedagógicas no curso de Pedagogia, focalizando a leitura teórico-científica, pois a mesma é primordial e incluindo também a leitura literária, promovendo a formação de sujeitos-leitores e futuros professores, valorizados por suas subjetividades e capazes de interagir socialmente a partir de práticas leitoras significativas e transformadoras.

De acordo com Leite e Oliveira (2004, p. 30), “[...] é na interação social que o sujeito leitor se constitui. Nessa interação, ao observar e recriar, ele vai, aos poucos, desenvolvendo suas possibilidades.” O hábito de leitura do pedagogo pode influenciar sua prática, nessa perspectiva: “Os alunos não leem, nem nós, os alunos escrevem mal e nós também. ” (LAJOLO, 2000, p. 16). Na medida em que não lemos e obrigamos os estudantes a lerem, muitos deles acabam tendo aversão para ler e insegurança para escrever diante de um papel em branco.

Na sociedade contemporânea, as responsabilidades pela rotina diária são inúmeras e muito se fala em “falta de tempo”. Os recursos tecnológicos são ótimos aliados, porém, fragmentam a leitura, na medida em que nas mídias circulam pedaços de informações e textos. Logo, o ato de ler por fruição tem se tornado cada vez mais desvalorizado e mal interpretado. Não se pode negar que na atualidade as pessoas leem muito, mas é importante ressaltar que isto ocorre, em alguns casos, pela força do hábito e da obrigação. Ademais, por vezes observamos práticas leitoras superficiais sobre os materiais textuais lidos, que reforçam estratégias de leitura que contribuam para o crescimento humano e para a cidadania ativa. Mas, ressalto, como ler os diferentes suportes textuais, impressos e virtuais se eu não sou um leitor? Como o exemplo citado na obra “*Como um romance*”, do autor Daniel Pennac:

É preciso ler, é preciso ler...
E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse de repente partilhar sua própria felicidade de ler?
A felicidade de ler? O que é isso, felicidade de ler?
Questões que pressupõem um bem conhecido cair em si mesmo, na verdade!
(PENNAC, 1993, p. 80)

2.2 LEITURA LITERÁRIA EM FOCO: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Como enfatizei acima, o ato de ler nos ambientes educacionais por vezes tem sido visto como algo fechado, ao qual os leitores leem e retornam ao texto, especialmente gênero literário, para responder perguntas de maneira rasa e estreita. Porém, conforme Vargas (1993), “ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca” (p.6).

Alguns estudos e práticas começam a apontar para uma nova concepção de leitura, que leva em conta o conhecimento prévio, as impressões, as análises críticas e, sobretudo, os sentidos propostos pelo leitor. Esta concepção relacionada à literatura por sua vez caracteriza-se pela habilidade de compor e escrever artisticamente. Logo, o texto literário apresenta um “efeito estético”, que provoca aquele que o lê.

A literatura informa através de dimensões outras que não as da realidade imediata, por sua ambigüidade, sua plurissignificação. Ao ler um romance, por exemplo, reajo com os sentidos, com a emoção, conheço a outra dimensão da realidade que é o imaginário. Personagens e situações se constroem, se desconstroem diante dos meus olhos, assumem concretude através da minha identificação ou não com o seu mundo. (*ibidem*, p. 9)

Seguindo essa perspectiva, acredito que a leitura de textos literários é humanizadora, já que visa desconstruir paradigmas por meio do (re)conhecimento das desigualdades e possibilita (re)significações individuais e coletivas.

Como afirmam Leite e Oliveira (2004, p. 20-21),

O sujeito, ao ler, além de construir sentido ao que vê escrito, constitui-se na leitura, modifica sua visão de mundo e a si mesmo. Nesse espaço interlocutivo, propiciado pela leitura, o leitor entra em contato com diferentes significações atribuídas pelo autor, tem acesso a um meio de cultura e informação privilegiado socialmente, o que lhe possibilita ampliar sua visão de mundo, transformá-la, transformando a si mesmo.

É fundamental refletir sobre as possíveis contribuições deste tipo de leitura na graduação em Pedagogia. Endosso os autores Leite e Oliveira, ao afirmarem que “Sendo este um curso que forma professores, seria importante ressaltar que não somente uma formação científica é importante, mas também uma formação cultural, no caso da leitura possibilitando acesso à literatura.” (2004, p. 27)

A partir de vivências pessoais no curso, observei que raramente são lidos textos literários em sala de aula. Exceto, nas disciplinas de Língua Portuguesa na Educação, Literatura na Escola (ambas obrigatórias) e nas de Literatura na Formação do Leitor e Gêneros Textuais (optativas). Penso que a leitura científica (acadêmica) pode ser complementada e articulada leitura literária até mesmo em outras matérias, visto que uma provoca a interpretação com base no olhar de um especialista em um assunto e a outra estimula e provoca diferentes percepções e colabora para a construção da consciência acerca da realidade.

Por essa razão, a literatura pode interferir significativamente no processo de formação do pedagogo, trazendo análises mais críticas, visões de mundo, valores e o estabelecimento de um diálogo com suas vivências e com seus interlocutores. Permite, assim, o compartilhamento de experiências e sentidos pela narração.

O leitor leva rastros do vivido no momento da leitura para depois ou para fora do momento imediato – isso torna a leitura uma experiência. Sendo mediata ou mediadora, a leitura levada pelo sujeito para além do dado imediato, permite pensar, ser crítico da situação, relacionar o antes e o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la, modificá-la. Desvelar. (KRAMER, 2000, p. 107)

A leitura e a escrita literária entendidas como experiência e não meramente como hábito são capazes de promover a esperança e o sonho. Sim, esperanças e sonhos em prol de uma sociedade melhor! Em um mundo tão frio e domesticado pela mídia, a literatura se torna uma poderosa ferramenta para desconstruir inúmeros padrões, conceitos e pré-conceitos. “Assim, se penso na leitura e escrita como experiência, é porque entendo como *lócus* da indignação e da resistência, contribuindo para formação geral e para a educação de professores [...].” (*ibidem*, p.116).

Enquanto educadores e futuros educadores é essencial considerarmos o fato de que nem todos os indivíduos tem contato com livros no seio familiar. O gosto e o encanto pela leitura surgem principalmente pelo ouvir e pela coletividade. Por isso, “precisamos aprender a valorizar a narrativa, a leitura e a escrita para ler com as crianças e jovens, para escrever a história pessoal, registrar a história coletiva, nos formaremos, lembrando que tudo isso exige trabalho coletivo.” (KRAMER, 2000,p. 117)

Destaco que a partir da interação, observação e (re)criação a luz de seus contextos socioculturais, os sujeitos desenvolvem suas possibilidades e se constituem efetivamente como leitores. Deste modo, se formarmos professores encantados pela literatura, com vivências no âmbito da leitura e escrita literária, estes valorizarão a linguagem, bem como contribuirão no âmbito escolar/universitário e na sociedade, formando estudantes-leitores, críticos e criativos, capazes de intervir e questionar a realidade em que vivem.

Por isso, defendo que a leitura literária precisa fazer parte da formação do estudante de Pedagogia, tornando-se uma prática cada vez mais presente no contexto acadêmico. Afinal, ler deve ser o centro e/ ou foco do processo de ensino-aprendizagem dos educandos. A pedagoga Giani Peres¹ ilustra em seu poema² o papel do educador-leitor:

¹Pedagoga formada pela Unicamp, especialista em Educação Infantil e pós-graduada em Métodos e Teorias de Pesquisa.

²Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/revcrian_41.pdf> Acesso em: 12/10/2016.

Ler é o melhor remédio

Eis aí um grande desafio:
Criar ávidos leitores!
Que leiam, leiam, horas a fio
Sobre ciência, poesia e amores.
Adquirir o hábito de ler é importante
Para investigar, pesquisar, delirar
Ler é mesmo algo fascinante,
Envolvente, pois te leva a criar.

Diria que ler é o melhor remédio
Contra a ignorância, desinformação e tédio
E qual é afinal o papel do professor?

Ser um exemplo, ser um elemento motivador
Oferecendo pílulas diárias de leitura
Que leve as ideias a constante fervura.

2.3 UMA PRÁTICA LITERÁRIA SIGNIFICATIVA: CÍRCULO DE LEITURA

Em uma sociedade que se valoriza tanto aqueles que são letrados, observo que a leitura solitária tem prevalecido. Muitas pessoas são chamadas para ler em voz alta e, muitas vezes o nervosismo, a pressão e a vergonha acabam tomando conta da situação. A escrita e a narrativa vieram dos povos da Antiguidade, onde a oralidade e a escuta eram reconhecidas, valorizadas e partilhadas. Essa característica histórica me leva a constatar que a leitura afeta e motiva quando há interação e afeto entre os leitores envolvidos nessa experiência de construção de sentidos (amigos, familiares, etc.), ou seja, quando é solidária.

As leituras *solidárias ou partilhadas* se dão em pedagogismos, ao pé da cama, em torno do fogo, depois de um filme na mesa de um bar, quando uma cumplicidade implícita aproxima vozes, imaginários, apreensões, dúvidas e perguntas. Conta-se para contar, deixando que flua desencadeada a torrente da palavra que, se já não pertencia ao autor, pertence ainda menos ao contador, depois que a entrega a seu ouvinte. (YUNES, 2009, p. 72-73)

No espaço escolar, as leituras literárias costumam ser realizadas individualmente, a fim de realizar tarefas em tempo mínimo e determinado previamente e para atender demandas escolares mecânicas. Além disso, nem sempre os estudantes possuem contato com obras literárias ao longo de suas vidas, o que dificulta bastante o processo de leitura e construção de sentidos. Pois, o “gostar de ler” nasce em virtude daquele que lê uma história e pelas trocas sociais/coletivas. As rodas de cirandas foram essenciais para a troca de saberes e união entre os seres humanos. O que me faz pensar na proposta do círculo, que remete a esta tradição do passado, atribuindo sentidos motivadores, humanizados e interativos.

[...] um momento em que a recepção do texto não refluí a uma interioridade emotiva e de perplexidade apenas, amparada na voz do outro, mas aqui já se desdobra uma *interatividade* de ordem mais ampla entre o texto e diversos receptores, simultaneamente. (*ibidem*, p. 76)

O círculo de leitura literária é uma prática solidária e generosa, que visa acolher diferentes pessoas, com histórias de vida distintas. Esta prática é desenvolvida em encontros informais, podendo haver intervalos de tempos iguais, como por exemplo, a cada duas semanas. É sempre coordenada por um mediador, o leitor guia, com a finalidade de criar teias interpretativas a partir dos diálogos espontâneos entre os participantes. O local é acolhedor, longe de possíveis movimentações e ruídos, onde todos ficam na mesma distância, visto que é feita uma roda com as cadeiras. Desta forma, ninguém fica no centro da situação, não há superioridade e nem inferioridade.

Razão há (e muita!) para essa re-tomada de uma prática de dança, de canto, de troca, de conto, para a pedagogia da leitura concebida como passível de fruição. Ler em círculo é não se deixar andar (falar) em círculos. É abrir-se para as leituras dos outros enquanto lhes facultamos as nossas. Daí para o diálogo que faz crescerem leitores é um passo... um passo para dentro da leitura. (YUNES, 2009 p. 79)

O leitor guia não é sempre a mesma pessoa, pois a cada encontro alguém pode ficar responsável pela organização. Ele representa a figura que seleciona a leitura do dia (contos, poemas, crônicas, etc.), narra o texto e costura as falas dos sujeitos. Isto é, após a narração ele se silencia para escutar as interpretações, um momento em que cada um expressa a sua visão sobre o assunto, como também os seus sentimentos e até mesmo lembranças e vivências. Posteriormente, ele tece cada sentido que é exposto, formando um emaranhado de percepções. Até porque uma mesma obra literária pode suscitar múltiplas compreensões e significados.

Perante estes argumentos e características, é incontestável que as rodas de leitura literária possibilitam inúmeros benefícios não só para a formação do futuro professor, mas para a construção cidadã do ser humano. Saliento que por meio dessas práticas as pessoas se reconhecem enquanto sujeitos, que por sua vez, estão imersas em uma determinada cultura e possuem suas especificidades. Assim como, passam a enxergar o outro, valorizando-o e criando laços afetivos e colaborativos. Os participantes ganham a voz e o espaço que não tem e/ou tinham em outros locais, narrando suas leituras de mundo, indo para além da mera decodificação e desconstruindo a ideia de “interpretação única/verdade absoluta” por intermédio da partilha de sentidos.

O círculo de leitura, por fim, põe em movimento a consciência crítica que predispõe à cidadania. Depois que se aprende a pensar e a dizer o que se pensa, o próximo passo é agir, participar, inscrever-se na história ou escrever a história. (*ibidem*, p. 85)

Para a promoção da emancipação, é preciso proporcionar ambientes educacionais articulados com a contemporaneidade, que investiguem constantemente a realidade na qual estamos inseridos e que rompam com a transmissão do conhecimento científico meramente linear, compartimentalizado. Para tanto, é necessário refletirmos e atuarmos no sentido da democratização de uma educação de qualidade. Nessa perspectiva, a função do educador é primordial, uma vez que ele tem em suas mãos a oportunidade para construir saberes e valores com seus educandos e expandir da socialização, alertando para a constituição de uma sociedade mais justa e humana. O círculo de leitura literária pode ser uma dessas estratégias geradoras de oportunidades significativas tanto na escola, como na universidade, transformando-se em um excelente instrumento para formar cidadãos leitores de mundo e da palavra.

3. CAPÍTULO 2: MERGULHO NO CAMPO – LER E COMPARTILHAR: PRÁTICAS DE FORMAÇÃO SOLIDÁRIA

O presente capítulo pretende apresentar a descrição do Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*, a metodologia utilizada para atender ao objetivo da pesquisa, bem como os resultados e as análises decorrentes dos registros da experiência e das entrevistas com os participantes dos círculos de leitura.

3.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto de extensão *Ler e compartilhar: práticas de formação solidária* foi criado no ano de 2014, pela Prof^ª. Dr^ª. Marcela Afonso Fernandez (coordenadora), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Este projeto se propõe a contribuir para uma ressignificação e redimensionamento dos modos de ser leitor e viver a leitura literária por meio da realização de círculos de leitura.

O principal objetivo desta atividade é desenvolver práticas de leitura compartilhada de textos literários, que estimulem a imaginação, a ampliação dos sentidos e a construção de repertórios, de maneira criativa e crítica. O público-alvo do *Ler e Compartilhar* são estudantes, a comunidade UNIRIO e o público em geral.

Os círculos de leitura acontecem semanalmente, as quintas feiras, de acordo com o calendário acadêmico do semestre e duram cerca de uma hora, sendo realizados na Biblioteca Infanto-Juvenil (BIJU), situada dentro da Biblioteca Central da UNIRIO.

Atualmente, o público alvo é composto por estudantes dos cursos de Pedagogia, Biblioteconomia, Teatro e uma autora convidada de livros infanto-juvenis. Toda a semana, cada participante pode tornar-se leitor guia, a partir do seu interesse, assumindo o papel de responsável por selecionar e realizar as leituras do círculo, que flui de forma colaborativa e interativa.

O projeto além de desenvolver a leitura solidária nos encontros das quintas-feiras, também possui uma página virtual no Facebook³, na qual são compartilhadas “gotas

³Esta página do projeto encontra-se disponível em: <https://www.facebook.com/lerecompartilhar/>

literárias”, com trechos de obras para apreciação dos leitores, bem como dicas, notícias e eventos que envolvam o mundo da leitura. Essas práticas tem a intenção de estimular a formação de leitores e o contato com o universo da literatura.

3.2 METODOLOGIA

A metodologia empregada para desenvolver este “mergulho no campo” do Projeto *Ler e Compartilhar* baseia-se numa pesquisa qualitativa, utilizando para tanto dos seguintes instrumentos: registros dos sentidos atribuídos a experiência de leitura literária e entrevistas.

O critério para a seleção dos registros foi a articulação entre as percepções e sentidos propostos pelos estudantes participantes, sobre as leituras realizadas em três encontros no segundo semestre de 2015.

No total, analisei nove registros, decorrentes das leituras de três obras/textos diferentes: “As pérolas de Cadíja” – Joel Rufino dos Santos, “O homem chamado Namarasotha” – Eduardo Medeiros (org.) e “O peru de Natal” – Mário de Andrade, que apresentarei em seguida. É importante ressaltar que esses registros selecionados são de quatro estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO, contendo três deles por bloco de análise.

Nas entrevistas, convidei estes mesmos estudantes para uma conversa semiestruturada, gravada em áudio e reproduzida textualmente no presente trabalho, baseada em dois eixos:

1. Experiência com a leitura literária dentro e/ou fora do meio acadêmico;
2. Experiência como leitor participante do Ler e Compartilhar.

Posteriormente, a partir das falas e reações dos entrevistados, produzi análises críticas, articulando com o objetivo da pesquisa e meu foco sobre os eixos referenciais levantados.

3.3 ANÁLISE INTERPRETATIVA DAS FOLHAS DE REGISTROS

As análises interpretativas a seguir revelam um possível olhar sobre a experiência de leitura compartilhada suscitada nos círculos de leitura do *Ler e Compartilhar*.

Primeiro Bloco – Conto: As Pérolas de Cadíja – Joel Rufino dos Santos (ANEXO A; p. 38)

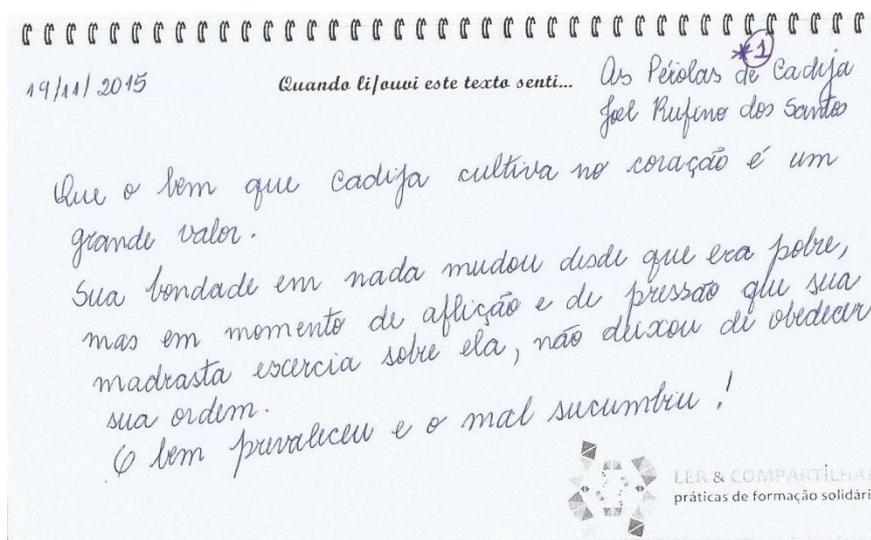


Figura 1: Registro do Leitor 1

O Leitor 1 reconheceu que apesar de Cadíja (personagem principal da história) ser de origem humilde, a bondade e o respeito que carrega consigo supera todo obstáculo e maldade. Para ele, perante a injustiça e a humilhação uma bela atitude pode fazer a diferença, fazendo-nos não somente colher o bem, mas ser homens e mulheres efetivamente humanizados.

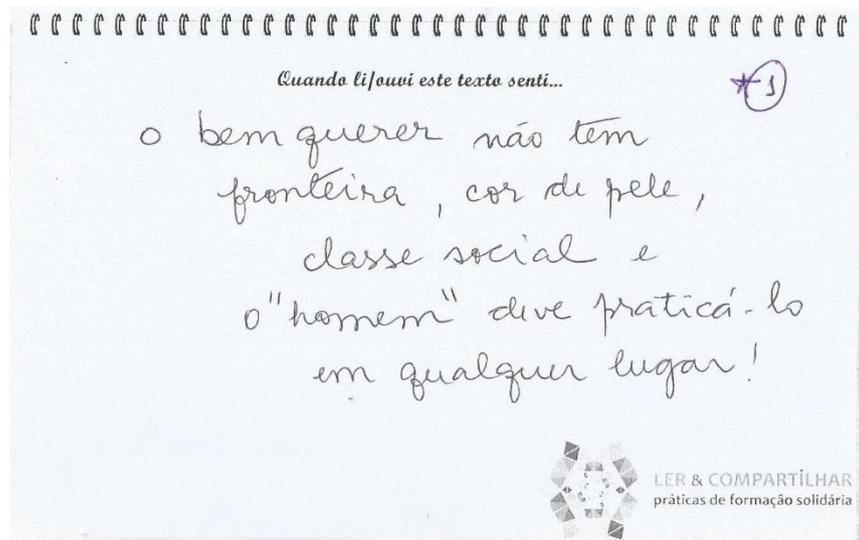


Figura 2: Registro do Leitor 2

O Leitor 2 percebeu a questão social apresentada no texto, pressupondo que o “bem querer” deve existir independentemente de raça, origem e poder aquisitivo, visto que é um sentimento fundamental na constituição do ser humano. Portanto, é necessário exercê-lo em todas as circunstâncias, não só em alguns momentos em prol de um benefício próprio.

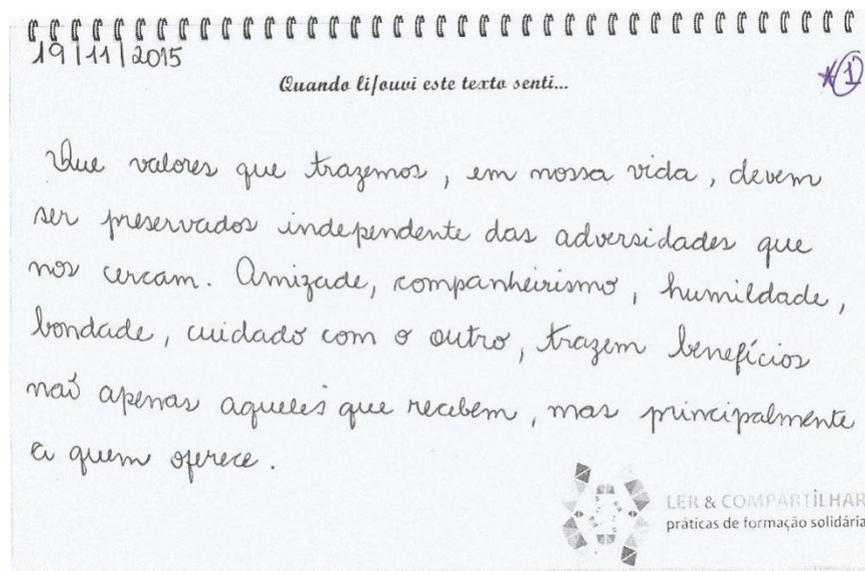


Figura 3: Registro do Leitor 3

O Leitor 3 tratou de atitudes indispensáveis nas relações humanas, relatando que estas trazem coisas boas a nós mesmos e ao outro. Esse enfoque pode ser entendido como um reflexo, no qual o que eu desejo a alguém pode refletir em mim. Se planto o bem, vou colhê-lo, ainda que tudo e todos ao meu redor atuem contra essa ideia.

- Percepção de todos os registros do primeiro bloco:

De um modo geral, notei que todos os leitores sentiram o contexto de desigualdade social presente no conto, como também a atitude de má fé da madrasta de Cadija. Diante disso, reforçaram que é preciso ter valores na vida, “fazendo o bem sem olhar a quem”.

Para Kramer (2000, p.108), é isto que a leitura compartilhada provoca:

[...] a ação de pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, os sabores e dissabores; que permite conhecer questões relativas ao mundo social e às tantas e tão diversas lutas por justiça (ou o combate à injustiça). Ora, compreender a leitura desse modo, a partir desse olhar teórico, tem implícito o reconhecimento da importância de certos valores menosprezados na conjuntura atual e pela sociedade contemporânea: valores tais como generosidade, solidariedade e coletividade – enquanto se enfatiza o culto do indivíduo, de suas necessidades e de sua esperteza em passar a perna no outro, levar vantagem, obter lucros pessoais e ganhos de poder.

**Segundo Bloco – Conto: O homem chamado Namarasotha – Eduardo Medeiros
(ANEXO B; p.42)**

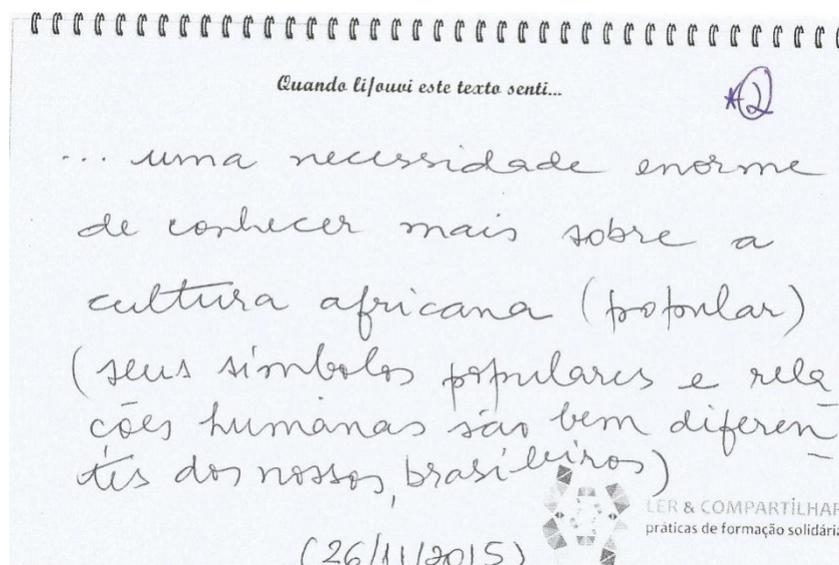


Figura 4: Registro do Leitor 2

O Leitor 2 identificou a importância de conhecer a cultura popular africana. Tal fato revela que possivelmente o mesmo até então não tinha o contato com esta realidade, percebendo que cada lugar possui a sua história e identidade cultural.

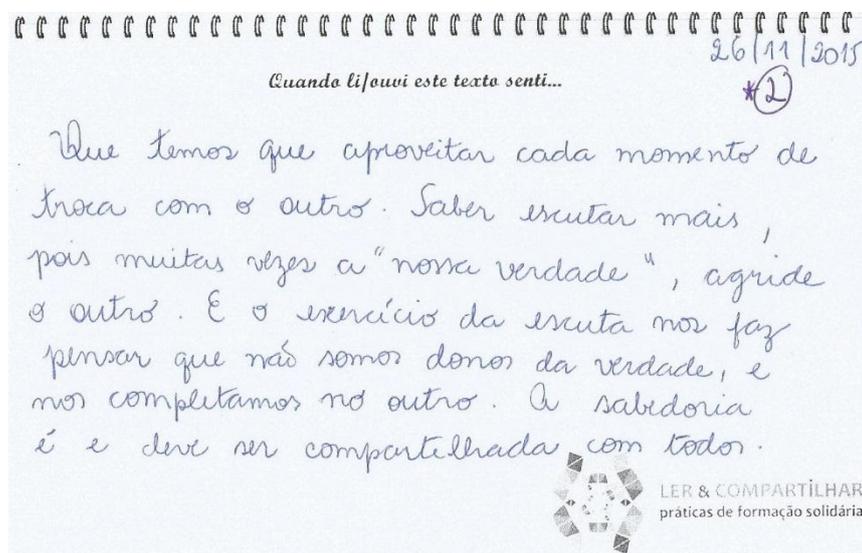


Figura 5: Registro do Leitor 3

O Leitor 3 valorizou a sabedoria, esta que deve ser partilhada com o outro, já que nos constituímos enquanto seres humanos a partir disso. Dessa forma, seu registro de sentidos sugere que não podemos menosprezar as diversas opiniões ou impor as nossas.

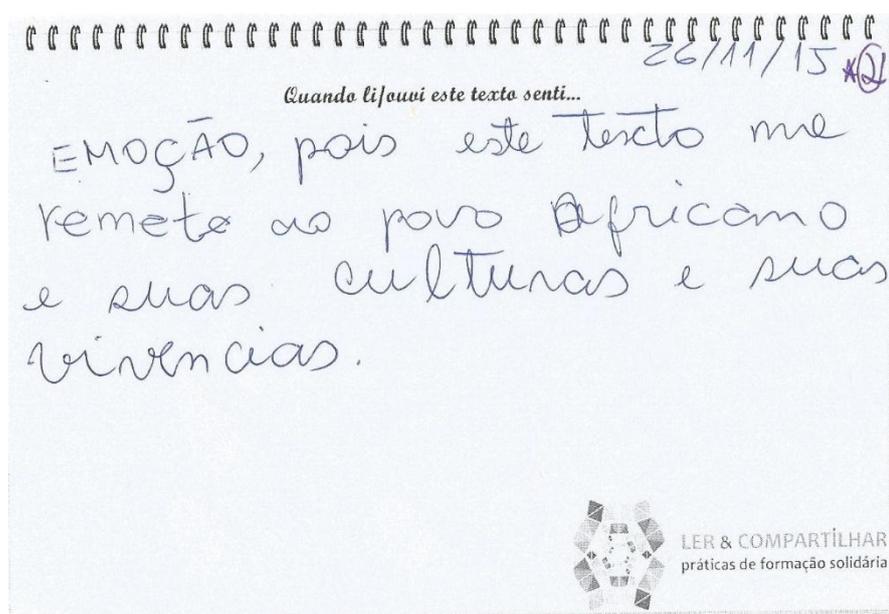


Figura 6: Registro do Leitor 4

O Leitor 4 demonstrou no relato a sua emoção ao se deparar com uma outra vivência sociocultural, a africana. Assim como o leitor 2, denota mais uma vez a importância de se conhecer essa cultura.

- Percepção de todos os registros do segundo bloco:

Esses registros mostraram a precariedade do encontro com outras culturas, principalmente no meio acadêmico, como o exemplo citado no contexto conto de matriz africana. Assim como não há uma única verdade, não há apenas uma cultura. Logo, precisamos conhecer e compartilhar os distintos saberes herdados de diferentes matrizes culturais. Um dos instrumentos promotores desse mergulho cultural é a leitura literária. Concordo com LEITE e OLIVEIRA (2004), ao enfatizarem que a leitura literária deve ser incluída como prática fundamental no cotidiano dos professores em formação.

Pensando neste como um curso que está formando professores, percebemos a necessidade de um espaço maior para o contato com essa leitura dentro do curso. É inegável a importância teórico-científica como base para formação docente, mas esta não pode limitar-se àquela. Portanto, o trabalho com a literatura deveria ser repensado pelo conjunto dos professores do curso. (LEITE; OLIVEIRA, 2004, p. 29)

Terceiro Bloco – Conto: O peru de Natal – Mário de Andrade (ANEXO C; p.44)

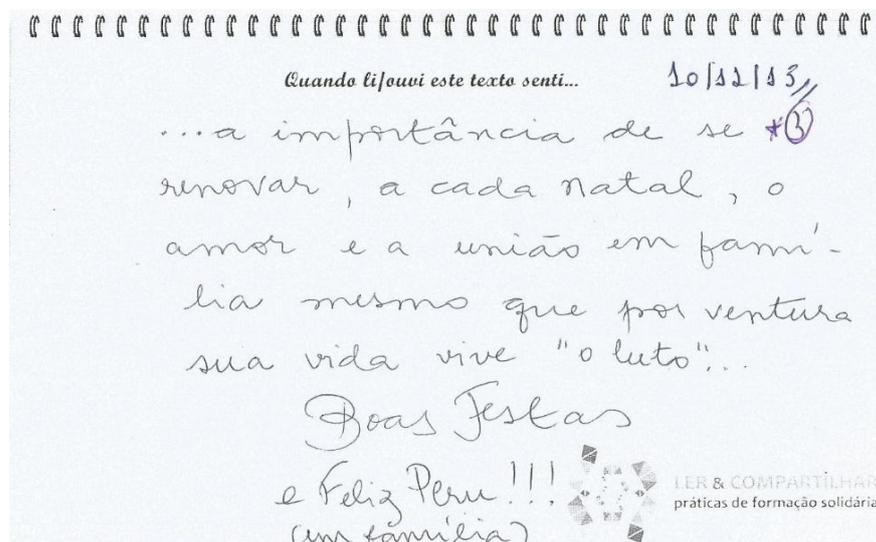


Figura 7: Registro do Leitor 2

Em seu registro de sentidos, o Leitor 2 retratou a relevância do ato de se renovar em uma data comemorativa (ex: Natal), ainda que o momento seja triste por algum motivo. Em sua percepção, com união e amor consegue-se resgatar as vivências significativas em família.

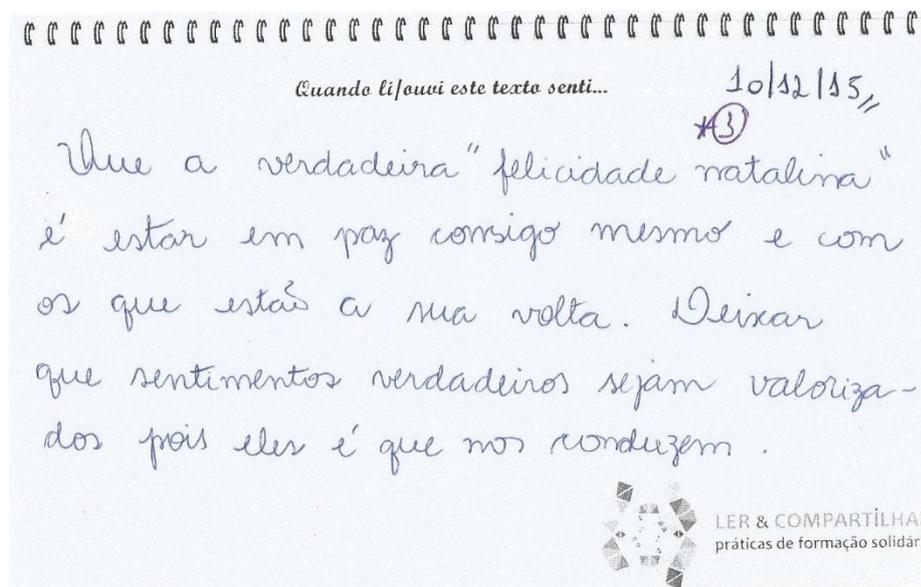


Figura 8: Registro do Leitor 3

O Leitor 3 descreveu a "felicidade natalina" como algo repleto de significados e valores: a paz interior (consigo), a paz com o outro (relações sociais), a pureza dos sentimentos bons. Para ele, esses elementos influenciam a nossa caminhada na estrada que se chama vida.

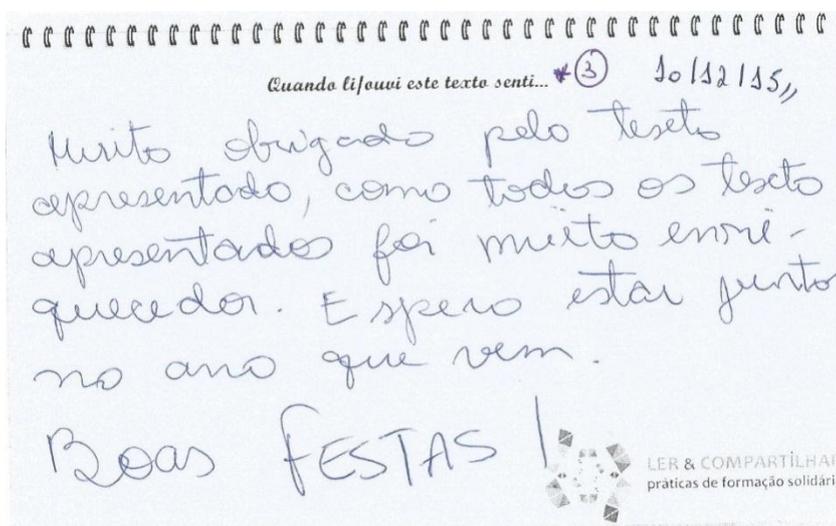


Figura 9: Registro do Leitor 4

Em seu registro de sentidos o Leitor 4 revelou a gratidão pelas leituras realizadas ao longo dos círculos ocorridos no semestre (2015.2), experiências estas que enriqueceram a sua formação. Além do mais, desejou estar com o grupo participante no ano seguinte, expondo a afetividade presente nas trocas sociais que foram construídas.

- Percepção de todos os registros do terceiro bloco:

Baseada neste último bloco observo que mais uma vez os valores e bons sentimentos estavam descritos nos sentidos atribuídos a experiência de leitura pelos leitores. O círculo de leitura possibilitou uma relação afetiva entre os participantes, fortalecendo a vontade de permanecerem juntos e/ou unidos, interagindo como uma família. A narração solidária da obra “O peru de Natal” e as interpretações despertaram o espírito fraternal. Cada visão acerca do texto se complementou à outra.

Podemos, então, dizer que a leitura se aprende no convívio com a cultura socializada, mas também com a visão singularizada que vamos formando de nós e do mundo. Mas é inegável que o gosto pela leitura compartilhada fortalece o aprendizado do potencial leitor. Lendo sozinhos parecemos mais bloqueados do que lendo em grupo, quando uma ideia puxa a outra e estas vão criando uma teia de trocas muito original. Saímos todos mais “inteligentes e inteligíveis”. (YUNES, 2009, p. 84)

3.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A seguir, reproduzo as transcrições das entrevistas semiestruturadas que realizei com os quatro estudantes do curso de Pedagogia tomando por base os eixos referenciais levantados anteriormente.

Eixo 1: Experiência com a leitura literária dentro e/ou fora do meio acadêmico

Leitor 1: *Desde criança sou leitora, ganhava livros e lia todos, gostando de contar as histórias para meus seis irmãos e as crianças vizinhas. Em viagens longas sempre tenho um livro na bolsa.*

Tenho livros infantis que lia para minhas filhas e atualmente para os meus netos. Também tenho coleções de José de Alencar e Jorge Amado.

Alguns livros tenho carinho especial por conter autógrafos dos autores como, por exemplo: A Doce Canção de Caetana de Nélida Piñon, O Dorso da Pantera de Oliveiros Litrento, Pelos Caminhos da Existência e Os Grandes Problemas da Humanidade Atual de Lyoji Okada e Marquês de Tamandaré Patrono da Marinha (Seu Perfil Histórico) de José Francisco de Lima. Recentemente adquiri Educação Como Exercício do Poder de Vítor Paro e o Brasil que Queremos de Emir Sader.

A coleção de livros de Carlos Bernardo Gonzalez Pecotche criador da Logosofia tem um valor inestimável e fazem parte da leitura diária.

Leitor 2: *Minha experiência com a literatura fora do meio acadêmico é antiga. Sempre me interessei pela prática da leitura. Desde criança, não só os gibis me fascinavam.*

Eu trago em minha memória a imagem da minha família (avô, pai, principalmente, e tios) sempre lendo e incentivando a nós, os menores, ao hábito de ler. Vez por outra éramos presenteados com livros, coleções sobre conhecimentos diversos, e, também, livretos de histórias infantis acompanhadas dos discos, podendo ser lidas ou ouvidas. Na juventude fui sócia do “círculo do livro” e, normalmente, um a dois livros das listas dos mais lidos na época eram meus escolhidos.

Quando fiz a faculdade de Letras, anos atrás, e, agora, no meu novo desafio em cursar Pedagogia, aqui, na UNIRIO, passei a ler mais a literatura clássica, tanto os autores brasileiros como os estrangeiros, alguns já meus conhecidos desde o meu curso ginásial, hoje chamado de ensino fundamental.

Leitor 3: *A minha experiência com a leitura literária na faculdade foi mais significativa enquanto participava dos Projeto Ler e Compartilhar. Nas disciplinas, com exceção da disciplina optativa Literatura na formação do leitor e Literatura na Escola, as experiências com leitura foram mais direcionadas a textos acadêmicos, a maioria deles deveriam ser fichados, voltados à formação.*

Já a experiência com a leitura fora da universidade é muito mais prazerosa, pois é feita sem obrigações e isso permite que a leitura encontre espaço no meu dia a dia. Pois essa leitura me dá liberdade, produz emoções e interpretações que permitem que eu me torne uma pessoa melhor.

Leitor 4: *Minha experiência com a leitura eu considero pouca, pois não sou um leitor que lê pelo menos uns dois livros por mês. Mas me considero um leitor de conhecimento onde busco ler algo que me desperta e me envolve e me traz a vontade de continuar pesquisando ou lendo sobre o determinado assunto, isso independente de ser do meio acadêmico ou lazer. Acho que eu deveria ler mais alguns livros de romance ou quem sabe aventura, ou até mesmo minha própria aventura, isso porque acredito que o saber da leitura é bom.*

Considerando os relatos acima transcritos, observo o quanto estes revelam o apreço dos sujeitos investigados pela leitura desde a infância, por meio de memórias afetivas de familiares e/ou pessoas especiais que estimulavam o hábito de ler (Leitor 1 e Leitor 2).

A respeito disso, Yunes (2009, p. 70) abordou que:

Ao revisitar nossas memórias de contato com a narrativa, elas aparecem inevitavelmente associadas a alguém que guardamos afetuosamente. Às vezes, mãe, avô, primeira mestra, há sempre um afeto guardado – justamente para não perdê-lo de vista – que nos chega assimilado a esses discursos mágicos com que fomos apresentados ao mundo que não víamos.

Mundo este que permite a quem é motivado, ser um motivador de leitores. E assim, sucessivamente. Como o exemplo do Leitor 1 ao ler para irmãos, filhos, netos e vizinhos. Aliás, a fascinação pela leitura vem pelo ouvir, pela socialização desenvolvida através de um outro alguém. Isso me fez recordar do exemplo das antigas rodas de cirandas citado por Yunes (*ibidem*).

Alguns dos entrevistados em nenhum momento expressaram a presença da leitura literária no contexto acadêmico (Leitor 1, Leitor 2 e Leitor 4). Enfatizando que buscam por conta própria o contato com outras literaturas.

Em conformidade com Leite e Oliveira (2004), por essa razão, é necessário promover o encontro com os textos literários no curso de Pedagogia.

Apenas o Leitor 3 narrou a experiência com a literatura em algumas disciplinas, dizendo que há uma prevalência de leituras científicas na faculdade, com a finalidade de realizar tarefas obrigatórias (por exemplo, fichamentos). Esse depoimento reafirma o que Lajolo (2000) descreveu sobre a obrigatoriedade da leitura com o objetivo de cumprir exercícios, prática que ainda tende a imperar nos espaços acadêmicos.

Ademais, salientou que: “a experiência com a leitura fora da universidade é muito mais prazerosa, pois é feita sem obrigações, e isso permite que a leitura encontre espaço no meu dia a dia”. (p. 29)

Esta colocação me remeteu ao que Fanny Abramovich (*apud* PRADO; CONDINI, 1999, p. 63) escreveu em seu ensaio:

Leitura é embriaguez, volúpia, fissuração, mergulho vital e empurrante, queixo caído com o inesperado, surpresa da descoberta de um jeito de ser que nem sabia que podia se ter, emoção escorregando pelos poros, suspiros com a poetura... Sem nenhuma cobrança que não as próprias. Sem fichas pra responder, sem prova pra checar se cada detalhe desimportante foi atentamente observado, sem mês determinado para ficar acompanhado daquele volume e não de outro mais cobiçado e desejado.

Eixo 2: Experiência como leitor participante do Ler e Compartilhar

Leitor 1: *Como participante desta atividade tão prazerosa, afirmo que aprendi muito com todos que fazem parte do grupo, docente e discentes.*

A variedade de contos, histórias são importantes para levar o leitor a pensar, a penetrar no contexto e a ler as entrelinhas. Algumas são tão envolventes que ficam gravadas e oferecem possibilidades de conhecer diversas culturas onde a imaginação que é ilimitada viaja e nos leva por caminhos estreitos e largos, mas que através da leitura podemos ampliar encontrar saídas, nos encontrar, nos reconhecer e nos identificar. A leitura tem essa magia de ativar os sentidos e até os cheiros, de motivar, de rir e até de sonhar.

Tudo isto é reflexo de Ler e Compartilhar, não só comigo mesmo, mas ao recordar uma passagem de um texto, me colocar naquele lugar ou levar o outro a refletir e sobre as viagens que a vida nos leva, mesmo quando não planejamos. Algumas com final feliz e outras nem tanto, mas que podemos extrair sempre algo de bom para a vida.

“O saber vincula, irmana, une” - Logosofia

Leitor 2: *A minha experiência como leitora neste processo do ler e do compartilhar foi deveras enriquecedor.*

Foi através desses encontros que tive a oportunidade de conhecer outros tipos de produção textual e ir ao encontro cultural e social revelados pela literatura e pelos autores africanos. Ambos para mim desconhecidos totalmente.

É interessante ressaltar que a difusão, dos conhecimentos, dos sentimentos e das interpretações que surgem, a partir destas rodas de conversas, nos desinibem e, então, nos deixamos afetar pelo outro, seja ele, o leitor ou o autor. Sabemos que, neste jogo de revelações, é

também possível afetarmos o outro. Quando desvendamos, eu e, ou, o(s) outro(s), aquilo que está entre o sujeito e as entrelinhas do escrito, o ouvir, toma outra dimensão. Talvez, uma leitura sem esta dinâmica não se descobre o que está encoberto... Para a nossa formação, humana, profissional, como futuros professores ou não, esta interação só comprova o muito que com as trocas todos nós aprendemos.

Leitor 3: *Participava com muito entusiasmo, pois era um momento de "refrigério", em meio a tantas ocupações com os textos acadêmicos. No momento do círculo de leitura me sentia acolhida e a cada texto compartilhado podia experimentar a essência das palavras. Me conduzindo a melhorar meu olhar, minhas relações com os outros, aprendi a melhor selecionar os livros, aprimorar a escuta sensível! Muitas vezes falamos muito e ouvimos pouco, mas escutar é estar sensível aquilo está sendo dito e lido.*

Leitor 4: *Falar da minha experiência com a leitura no projeto Ler e Compartilhar foi muito prazeroso no sentido de compartilhar aquele momento. Eu, como leitor de primeira viagem, não sabia como seria essa experiência. Mas, foi muito bom a prof^a Marcela e suas assistentes e o grupo participante foi muito desafiador, pois a cada encontro um trazia suas histórias e tínhamos que interpretar. Isso foi ficando gostoso e relaxante, o grupo foi interagindo e trocando experiências.... Muito bom! Levarei para a minha vida profissional e pessoal, obrigado pelo projeto!*

Constatei nas narrativas dos sujeitos da pesquisa entrevistados o prazer que o círculo trouxe para cada um deles, como também os aprendizados que surgiram mediante as trocas com o grupo participante e o reconhecimento do outro, tal como o exercício da escuta sensível. “O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente em que a

leitura é partilhada, e, tanto quem lê, quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiados.” (KRAMER, 2000, p. 108)

Além disso, esta prática tornou-se uma válvula de escape e um local de acolhimento em meio a tantas ocupações com textos acadêmicos, que segundo o Leitor 3 “era um momento de refrigério” e para o Leitor 4, “[...] o grupo participante foi muito desafiador, pois a cada encontro um trazia suas histórias e tínhamos que interpretar. Isso foi ficando gostoso e relaxante...” (p. 32)

Tal qual a percepção de Abramovich (*apud* PRADO; CONDINI, 1999, p. 64),

Leitura é paixão, é entrega, tem que ser feita com tesão, com ímpeto, com garra. De quem lê e de quem indica. Com trocas saboreadas e não com perguntas fechadas e sem espaço pra opinião própria, pensada, sentida, vivida. Senão, é só pura obrigação. E aí, como tudo o mais na vida, não vale a pena. Mesmo.

Observo que as leituras literárias que acompanhei no projeto *Ler e Compartilhar* favoreceram o encontro do leitor participante consigo, com diferentes culturas, imaginações, sentidos, realidades sociais, universos, etc., apurando o senso crítico, a vontade de sonhar e de ler, coisas que algumas vezes não ocorrem ou se perdem pela falta de estímulos, oportunidades e valores no cotidiano.

O Leitor 2 declarou: “Sabemos que, neste jogo de revelações, é também possível afetarmos o outro. Quando desvendamos, eu e, ou, o(s) outro(s), aquilo que está entre o sujeito e as entrelinhas do escrito, o ouvir, toma outra dimensão. Talvez, uma leitura sem esta dinâmica não se descobre o que está encoberto...”(p. 31-32)

Sobre isto, Bartolomeu Campos de Queirós (*apud* PRADO; CONDINI, 1999, p. 24) expôs o seu ponto de vista:

Fundamental, ao pretender ensinar a leitura, é convocar o homem para tomar da sua palavra. Ter a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem contudo perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças.

É nítido que a vivência do *Ler e Compartilhar* propiciou aos leitores saberes e entendimentos para a vida, ampliando os horizontes de cada um. O Leitor 1 citou uma frase Logosófica⁴ que exprime o quanto esta experiência foi afetiva e interativa, impulsionando a união, o conhecimento coletivo e uma formação mais humana. (p. 31)

O que só reforça a argumentação de Kramer (2000, p. 114): “[...] quando destaca que trabalhar com linguagem, leitura e escrita pode ensinar a utopia, pode favorecer a ação numa perspectiva humanizadora, que convida à reflexão, a pensar sobre o sentido da vida individual e coletiva.”

Levando em conta a utopia referida acima, no que diz respeito às relações socioculturais, bem como ao ensino e incentivo da leitura/escrita na contemporaneidade tão (des)humanizada, nada melhor que encerrar este capítulo com o escrito⁵ do saudoso e querido poeta Mário Quintana:

DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!

⁴Logosofia é uma ciência nova, que revela conhecimentos de natureza transcendente e concede ao espírito humano a prerrogativa de reinar na vida do ser que anima. Conduz o homem ao conhecimento de si mesmo, de Deus, do Universo e de suas leis eternas. Fonte: <http://www.logosofia.org.br/>

⁵ Disponível em: <<https://pensador.uol.com.br/frase/NDE3/>> Acesso em: 16/11/2016.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da investigação realizada, chego ao término deste trabalho monográfico com a certeza de que a prática do círculo de leitura literária pode contribuir significativamente na formação do estudante de Pedagogia.

Os dados colhidos nesta pesquisa ratificam que é imprescindível haver uma presença maior de textos literários durante o curso de formação de professores, uma vez que, poucos estudantes mencionaram durante a entrevista semiestruturada o contato com os mesmos nas disciplinas da graduação em Pedagogia. Digo isso, não no sentido de excluir a leitura acadêmica/científica da formação acadêmica, que é fundamental, mas para complementar, a fim de que a universidade se transforme em um contexto de promoção da literatura e os cursos de formação de professores, especialmente, o curso de Pedagogia, contribuam para a formação do pedagogo como um leitor efetivo.

Percebi que na medida em que o ato de ler é sistematizado e/ou exigido, os estudantes sentem-se entediados e desgastados. Por outro lado, a leitura literária faz uma ruptura, despertando os educandos para a autonomia, a criticidade, a (re)significação e o prazer, conforme os argumentos dos autores anteriormente mencionados e que fundamentaram meu trabalho.

As folhas de registros e as conversas apresentadas no capítulo anterior comprovaram que o círculo de leitura literária atenua o desconforto perante uma obra, instigando o “gostar de ler” e a interação a partir do encontro com diferentes realidades e percepções. Nesse sentido, a meu ver, todos saem enriquecidos. Visto que, “[...] é na interação que o leitor é formado – no caso, interação com o professor, com os outros alunos e com os textos lidos.” (LEITE; OLIVEIRA, 2004, p. 25)

Portanto, a leitura é pensada, sentida, vivida e experienciada (individualmente e coletivamente), atuando na perspectiva formadora, não só profissional e cidadã, mas humana. Afinal, “ler pode tornar o homem perigosamente humano.” (GRAMMONT *apud* PRADO; CONDINI, 1999, p. 73)

Ficou claro que a literatura remete aos valores da vida, esses que por vezes são tão esquecidos em nossa sociedade. Ou seja, ela permite o resgate de tradições e saberes construídos pela humanidade, cooperando para uma consciência crítica e humanizada.

Em concordância com Kramer (2000, p. 110),

Não creio que entender a leitura e a escrita como experiência seja saída ou solução definitiva para nada. Nem me parece que essa concepção exclua as demais. Apenas penso que pode ser formadora, ou seja, pode contribuir no processo de constituição de sujeitos sociais que tenham valores e modos de agir que hoje parecem fora de moda.

A leitura literária pode não ser a solução para todos os problemas, porém é uma possibilidade de “mudança de olhar”. Possibilidade essa que visa o rompimento com as técnicas mecanizadas dentro dos ambientes educacionais, concedendo a união entre pessoas e obras distintas, a oportunidade de voz e lugar, agir com criticidade, ter múltiplas percepções de mundo, desenvolver memórias afetivas, lutar contra a timidez e a alienação e progredir em relação ao respeito mútuo.

Logo, se o objetivo é formar estudantes leitores e sujeitos sociais por meio da emancipação dos mesmos, é indispensável que formemos professores e/ou pedagogos leitores que superem os impasses que impedem a liberdade crítica e criativa, que despertem a motivação, o compartilhamento e o valor do texto literário na sala de aula.

Elizabeth D’angelo Serra (*apud* PRADO; CONDINI, 1999, p. 49) resume em suas palavras o que procurei evidenciar no decorrer desta monografia:

Estabelecendo o livro, a leitura, a escrita e a ilustração como pontos de contato entre crianças, jovens e adultos, queremos dizer que formar ou não leitores é responsabilidade de todos os adultos leitores onde quer que eles estejam ou em que função trabalhem, numa demonstração prática, e não só teórica, sobre o que é partilhar bens culturais. O leitor em potencial é único e, por isso, só pode ser formado um a um. Não se formam leitores em série. E só um leitor forma um leitor. Ler no livro o texto literário para o outro, criança, jovem ou adulto, partilhando a emoção de cada palavra, através da voz e do movimento, desperta o interesse pela leitura e demonstra afeto e atenção, explicitando a forte relação entre literatura e emoção, entre um leitor e outro leitor.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. A formação do leitor. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. 1 ed. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

GRAMMONT, Guiomar de. A formação do leitor. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. 1 ed. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação. In: Zaccur, Edwiges (org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LAJOLO, Marisa. A Leitura Literária na escola. In: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ed. São Paulo: Ática, 2000.

LEITE, Sérgio A.S.; OLIVEIRA, Lilian R. Constituição do leitor: análise dos eventos de leitura no curso de pedagogia da Unicamp. In: *Leitura: teoria e prática*. Campinas: ALB, SP: Global Editora, ano 22, n. 42, mar. 2004.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERES, Giani. Ler é o melhor Remédio. In: *Revista Criança*. Brasília: MEC, 2006. p.26. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/revcrian_41.pdf> Acesso em: 12/10/2016.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. 1 ed. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

QUINTANA, Mário. Das utopias. In: *Espelho Mágico*. Porto Alegre: Editora Globo. 1951. Disponível em: <<https://pensador.uol.com.br/frase/NDE3/>> Acesso em: 16/11/2016.

SERRA, Elizabeth D' Angelo. O direito à leitura literária. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. 1 ed. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

YUNES, Eliana. Práticas leitoras. In: *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymar, 2009.

ANEXO A

Fonte: SANTOS, Joel Rufino dos. As pérolas de Cadija. In: *Gosto de África: histórias de lá e daqui*. 3ª ed; São Paulo: Global, 2005.

AS PÉROLAS DE CADIJA

(Joel Rufino dos Santos)

Era uma vez uma menina chamada Cadija. Sua mãe havia morrido e agora ela tinha de carregar seu irmãozinho nas costas. Passado um ano, seu pai resolveu se casar de novo e então Cadija ganhou uma madrasta.

Cadija pensou que fosse ser feliz com ela. Mas sabe-se lá por que a madrasta não gostou dela. Já tinha uma filha do primeiro casamento e talvez pensasse:

“Quando meu marido morrer, essa Cadija vai ficar com tudo. E minha filha verdadeira com nada.”

Daí toca a perseguir a enteada. Dava trabalhos impossíveis para a coitada. Acordava-a no meio da noite:

- Anda pegar água. Anda varrer o pátio. Anda cozinhar inhame.

Certa manhã seu ódio pela enteada chegou ao máximo. Tirou Cadija da cama aos berros:

- Vá lavar esta colher! E só serve com água do mar. Não volte aqui com ela suja.

Era um jeito de matar Cadija, pois até Dacar, onde ficava o mar, eram cinco dias e cinco noites de horrorosos caminhos.

- Quem vai cuidar do meu irmãozinho? – perguntou a menina.

- Carrega contigo – respondeu a mulher com um sorriso mau. – Ou pensa que aqui você tem criada? Tem cada uma!

Cadija partiu. Atravessou rios e matas.

Só faltava atravessar uma savana para chegar a Dacar. A comida acabara e as duas barrigas, a dela e a do irmãozinho, começavam a roncar.

- As-Salam! (A paz esteja sobre você) – cumprimentou um cameleiro.

- As-Salam! – respondeu ela.

- Está pensando em atravessar a savana sozinha? – perguntou o homem.

- Estou.

- Não faça isso. Sabe quem mora aí? O Quibungo.

- Quem é? – perguntou Cadija.

- Um monstro com um buraco na parte detrás do pescoço. Te engole. Depois não diz que não te avisei.

- E se eu não encontrar com ele? Sempre fui uma menina de sorte...

- Ah! – falou o cameleiro, atirando o manto para as costas.

- Se não encontrar o Quibungo, vai encontrar com um monstro pior, o Abutre Mortal, também chamado Arranca-Corações. Ou um ou outro.

Desanimada, Cadija sentou numa pedra. De repente sentiu uma brisa no rosto e nas mãos. E ouviu uma voz:

- Eu te ajudo. Deixe seu irmãozinho esperando aqui. No lugar dele ponha esta pedra. Se você encontrar o Quibungo, já sabe o que fazer.

Era um *iska*, o *djin* que mora no vento.

- E se em vez do Quibungo eu encontrar o Abutre Mortal?

- Aí não posso fazer nada – respondeu o *iska*. – Ou um ou outro.

Com o pedregulho nas costas, Cadija entrou na savana. No segundo dia de viagem apareceu um guerreiro lindo. Tinha arco e flecha e falou com toda gentileza:

- Onde vais, flor do meu encanto?

- A Dacar, lavar esta colher, que minha madrastra me mandou.

- E essa criança que você leva aí? Deixa ver.

O guerreiro se abaixou para fazer gracinha. No seu pescoço apareceu o buraco escuro que não tinha fim. Cadija rapidamente levou as mãos às costas e virou o pedregulho lá dentro.

O Quibungo mastigou e morreu.

Em Dacar, um mendigo que estava na porta da mesquita pediu:

- Me ajude, pelas barbas do profeta...

- Se eu pudesse... – respondeu ela.

- Só tenho esta colher.

- Eu sei – disse o mendigo. – Espere anoitecer. Só lave a colher quando aparecer alua.

Você vai ver.

Cadija assim fez. Foi meter a colher na água e ela voltou cheia de pérolas. E assim muitas vezes, até encher a canga. Estava rica.

Ao passar de volta pela savana, ouviu um ronco vindo de uma caverna. Devia ser o Abutre Mortal, o Arranca-Corações.

Pegou o irmãozinho e foi para casa. Tinha se passado oito dias e a madrasta, feliz, achava que ela não voltaria.

Abrindo o saco de pérolas, Cadija fez a divisão. A madrasta queria mais. Puxou a menina para o quarto:

- Onde foi que você arranhou esta riqueza? Temos bruxa aqui em casa e eu não sabia!

- Foi no mar – respondeu. – Meti a colher e foi só.

A mulher fingiu agradecer. E falou para a sua filha verdadeira:

- Se essa boboca ficou rica, também ficarei. Posso carregar mais pérolas que vinte Cadijas juntas.

- Pegou um camelo e partiu. Ordenou aos criados que preparassem uma festa para quando voltasse. Mandou os cozinheiros fazerem cuscuz, seu prato preferido. Na manhã do décimo dia, porém, ela não voltou. De tarde, também não. Quando foi de noite e os convidados já iam embora, a filha verdadeira decidiu:

- Minha mãe já deve estar chegando. Vamos comer ou o cuscuz estraga.

Quando ela abriu o panelão, ficou branca de susto. Dentro do cuscuz havia um coração. Ainda estava batendo e ela desmaiou, pois sabia de quem era.

Quanto a Cadija, pegou seu irmãozinho e foi morar bem longe dali.

Esta é a história de Cadija, uma menina negra e muçulmana do Senegal. Uma história semelhante a outras, de outros povos, em que há fadas e madrinhos más. Só que, aqui, a fada existe na forma de um anjo da guarda, o *djin*, e os perigos que a menina enfrenta suscitam os mistérios das culturas milenares que sobreviveram apesar da colonização.

ANEXO B

Fonte: MEDEIROS, Eduardo (org.). O homem chamado Namarasotha. In: *Contos populares moçambicanos*. Maputo: Ndjira, 1997.

O HOMEM CHAMADO NAMARASOTHA

(Eduardo Medeiros; org.)

Havia um homem que se chamava Namarasotha. Era pobre e andava sempre vestido com farrapos. Um dia foi à caça. Ao chegar ao mato, encontrou uma impala morta. Quando se preparava para assar a carne do animal apareceu um passarinho que lhe disse:

— Namarasotha, não se deve comer essa carne. Continua até mais adiante que o que é bom estará lá.

O homem deixou a carne e continuou a caminhar. Um pouco mais adiante encontrou uma gazela morta.

Tentava, novamente, assar a carne quando surgiu outro passarinho que lhe disse:

— Namarasotha, não se deve comer essa carne. Vai sempre andando que encontrarás coisa melhor do que isso.

Ele obedeceu e continuou a andar até que viu uma casa junto ao caminho. Parou e uma mulher que estava junto da casa chamou-o, mas ele teve medo de se aproximar, pois estava muito esfarrapado.

— Chega aqui! Insistiu a mulher.

Namarasotha aproximou-se então.

— Entra, disse ela.

Ele não queria entrar porque era pobre. Mas a mulher insistiu e Namarasotha entrou, finalmente.

— Vai te lavar e veste estas roupas, disse a mulher.

E ele lavou-se e vestiu as calças novas. Em seguida, a mulher declarou:

— A partir deste momento esta casa é tua. Tu és o meu marido e passas a ser tu a mandar.

E Namarasotha ficou, deixando de ser pobre.

Um certo dia havia uma festa a que tinham de ir. Antes de partirem para a festa, a mulher disse a Namarasotha:

— Na festa a que vamos quando dançares não deverás virar-te para trás.

Namarasotha concordou e lá foram os dois. Na festa bebeu muita cerveja de farinha de mandioca e embriagou-se. Começou a dançar ao ritmo do batuque. A certa altura a música tornou-se tão animada que ele acabou por se virar.

E no momento em que se virou, ficou como estava antes de chegar à casa da mulher: pobre e esfarrapado.

NOTA: Todo o homem adulto deve casar-se com uma mulher de outra linhagem. Só assim é respeitado como homem e tido como «bem vestido». O adulto sem mulher é «esfarrapado e pobre». A verdadeira riqueza para um homem é a esposa, os filhos e o lar. Os animais que Namarasotha encontrou mortos simbolizam mulheres casadas e se comesse dessa carne estaria acometer adultério. Os passarinhos representam os mais velhos, que o aconselham a casar com uma mulher livre. Nas sociedades matrilineares do Norte de Moçambique (donde provém este conto), são os homens que se integram nos espaços familiares das esposas. Nestas sociedades, o chefe de cada um destes espaços é o tio materno da esposa. O homem casado tem de sujeitar-se às normas e regras que este traça. Se revolta e impõe as suas, perde o seu estatuto de marido e é expulso, ficando cada cônjuge com o que levou para o lar. Cumprindo sempre o que os passarinhos lhe iam dizendo durante a sua viagem em busca de «riqueza», Namarasotha acabou por encontrá-la: casou com uma mulher livre e obteve um lar. Mas por não ter seguido o conselho da mulher, perdeu o estatuto dignificante de homem adulto e casado.

ANEXO C

Fonte: ANDRADE, Mário de. O peru de Natal. In: *Contos Novos*. 14 ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas LTDA., 1991.

O PERU DE NATAL

(Mário de Andrade)

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fôramos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, duma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres.

Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ser sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugeria à mamãe a ideia dela vir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto.

Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a ideia de fazer uma das minhas chamadas “loucuras”. Essa fora aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, duma criada de parentes: eu consegui no

reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de “louco”. “É doido, coitado!” falavam. Meus pais falavam com certa tristeza condescendente, o resto da parentagem buscando exemplo para os filhos e provavelmente com aquele prazer dos que convencem de alguma superioridade. Não tinham doidos entre os filhos. Pois foi o que me salvou, essa fama. Fiz de tudo o que a vida me apresentou e o meu ser exigia para se realizar com integridade. E me deixaram fazer de tudo, porque eu era doido, coitado. Resultou disso uma existência sem complexos, de que não posso me queixar um nada.

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa do quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama. Foi lembrando isso que arrebentei em uma das minhas “loucuras”:

- Bom, no Natal, quero comer peru.

Houve um desses espantos que ninguém não imagina. Logo minha tia solteirona e santa, que morava conosco, advertiu que não podíamos convidar ninguém por causa do luto.

- Mas quem falou de convidar ninguém! Essa mania... Quando é que a gente já comeu peru em nossa vida! Peru aqui em casa é prato de festa, vem toda essa parentada do diabo...

- Meu filho, não fale assim...

- Pois falo, pronto!

E descarregou minha gelada indiferença pela nossa parentagem infinita, diz-que vinda de bandeirantes, que bem me importa! Era mesmo o momento pra desenvolver minha teoria de doido, coitado, não perdi a ocasião. Me deu de sopetão uma ternura imensa por mamãe e titia, minhas duas mães, três com minha irmã, as três mães que sempre me divinizaram a vida. Era sempre aquilo: vinha aniversário de alguém e só então faziam peru naquela casa. Peru era prato de festa: uma imundície de parentes já preparados pela tradição, invadiam a casa por causa do peru, das empadinhas e dos doces. Minhas três mães, três dias antes já não sabiam da vida senão trabalhar, trabalhar no preparo de doces e frios finíssimos de benfeitos, a parentagem devorava e ainda levava embrulhinhos pros que não tinham podido vir. As minhas três mães mal podiam de exaustas. Do peru, só no enterro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia ainda provavam um naco de

perna, vago, escuro, perdido no arroz alvo. E isso mesmo era mamãe quem servia, catava tudo pro velho e pros filhos. Na verdade ninguém sabia de fato o que era peru em nossa casa, peru resto de festa.

Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com os miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de juntar ameixa-preta, nozes e um cálice de xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. Está claro que omiti onde aprendera a receita, mas todos desconfiaram. E ficaram logo naquele ar de incenso assoprado, se não seria tentação do Dianho aproveitar receita tão gostosa. E cerveja bem gelada, eu garantia quase gritando. É certo que com meus “gostos”, já bastante afinados fora do lar, pensei primeiro num vinho bom, completamente francês. Mas a ternura por mamãe venceu o doido, mamãe adorava cerveja.

Quando acabei meus projetos, notei bem, todos estavam felicíssimos, num desejo danado de fazer aquela loucura em que eu estourara. Bem que sabiam, era loucura sim, mas todos se faziam imaginar que eu sozinho é que estava desejando muito aquilo e havia jeito fácil de empurrarem pra cima de mim a... culpa de seus desejos enormes. Sorriam se entreolhando, tímidos como pombas desgarradas, até que minha irmã resolveu o consentimento geral:

- É louco mesmo!...

Comprou-se o peru, fez-se o peru, etc, E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fora engraçado: assim que me lembrara de que finalmente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada. E meus manos também, estavam no mesmo ritmo violento de amor, todos dominados pela felicidade nova que o peru vinha imprimindo na família. De modo que, ainda disfarçando as coisas, deixei muito sossegado que mamãe cortasse todo o peito do peru. Um momento aliás, ela parou, feito fatias um dos lados do peito da ave, não resistindo àquelas leis de economia que sempre a tinham entorpecido numa quase pobreza sem razão.

- Não senhora, corte inteiro! Só eu como tudo isso!

Era mentira. O amor familiar estava por tal forma incandescente em mim, que até era capaz de comer pouco, só pra que os outros quatro comessem demais. E o diapasão dos

outros era o mesmo. Aquele peru comido a sós, redescobria em cada um o que a cotidianidade abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos. Deus me perdoe mas estou pensando em Jesus... Naquela casa de burgueses bem modestos, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus. O peito do peru ficou inteiramente reduzido a fatias amplas.

- Eu que sirvo!

“É louco, mesmo!” pois por que havia de servir, se sempre mamãe servira naquela casa! Entre risos, os grandes pratos cheios foram passados pra mim e principiei uma distribuição heróica, enquanto mandava meu mano servir a cerveja. Tomei conta logo dum pedaço admirável da “casca”, cheio de gordura e pus no prato. E depois vastas fatias brancas. A voz severizada de mamãe cortou o espaço angustiado com que todos aspiravam pela sua parte do peru:

- Se lembre de seus manos, Juca!

Quando que ela havia de imaginar, a pobre! Que aquele era o prato dela, da Mãe, da amiga maltratada, que sabia da Rose, que sabia meus crimes, a que eu só lembrava de comunicar o que fazia sofrer! O prato ficou sublime.

- Mamãe, este é o da senhora! Não! Não passe não!

Foi quando ela não pôde mais com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também, logo percebendo que o novo prato sublime seria o dela, entrou no refrão das lágrimas. E minha irmã, que jamais viu lágrima sem abrir a torneirinha também, se esparramou no choro. Então principiei dizendo muitos desaforos pra não chorar também, tinha dezenove anos... Diabo de família besta que via peru e não chorava! Coisas assim. Todos se esforçavam por sorrir, mas agora é que a alegria se tornara impossível. É que o pranto evocara por associação a imagem indesejável de meu pai morto. Meu pai, com sua figura cinzenta, vinha pra sempre estragar nosso Natal. Fiquei danado.

Bom, principiou-se a comer em silêncio, lutosos, e o peru estava perfeito. A carne mansa, de um tecido muito tênue boiava fagueira entre os sabores das farofas e do presunto, de vez em quando ferida, inquietada e redesejada, pela intervenção mais violenta da ameixa-preta e o estorvo petulante dos pedacinhos de noz. Mas papai sentado ali, gigantesco, incompleto, uma censura, uma chaga, uma incapacidade. E o peru, estava tão gostoso, mamãe por fim sabendo que peru era manjar mesmo digno do Jesusinho nascido.

Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. Imaginei que gabar o peru era fortalecê-lo na luta, e, está claro, eu tomara decididamente o partido do peru. Mas os defuntos têm meios visguentos, muito hipócritas de vencer: nem bem gabei o peru a imagem de papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora.

- Só faltava seu pai...

- Eu nem comia, nem podia mais gostar daquele peru perfeito, tanto que me interessava aquela luta entre os dois mortos. Cheguei a odiar papai. E nem sei que inspiração genial, de repente me tornou hipócrita e político. Naquele instante que hoje me parece decisivo da nossa família, tomei aparentemente o partido de meu pai. Fingi, triste:

- É mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... (hesitei, mas resolvi não mencionar mais o peru) contente de ver nós todos reunidos em família.

E todos participaram muito calmos, falando de papai. A imagem dele foi diminuindo, diminuindo e virou uma estrelinha brilhante do céu. Agora todos comiam o peru com sensualidade, porque papai fora muito bom, sempre se sacrificara por nós, fora um santo que “você, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seu pai”, um santo. Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inestorvável estrelinha do céu. Não prejudicava mais ninguém, puro objeto de contemplação suave. O único morto ali era o peru, dominador, completamente vitorioso.

Minha mãe, minha tia, nós, todos alagados de felicidade. Ia escrever “felicidade gustativa”, mas não era só isso não. Era uma felicidade maiúscula, um amor de todos, um esquecimento de outros parentescos distraidores do grande amor familiar. E foi, sei que foi aquele primeiro peru comido no recesso da família, o início de um amor novo, reacomodado, mais completo, mais rico e inventivo, mais complacente e cuidadoso de si. Nasceu de então uma felicidade familiar pra nós que, não sou exclusivista, alguns a terão assim grande, porém mais intensa que a nossa me é impossível conceber.

Mamãe comeu tanto peru que um momento imaginei, aquilo podia lhe fazer mal. Mas logo pensei: ah, que faça! Mesmo que ela morra, mas pelo menos que uma vez na vida coma peru de verdade!

A tamanha falta de egoísmo me transportara o nosso infinito amor... Depois vieram umas uvas leves e uns doces, que lá na minha terra levam o nome de “bem-casados”. Mas

nem mesmo este nome perigoso se associou à lembrança de meu pai, que o peru já convertera em dignidade, em coisa certa, em culto puro de contemplação.

Levantamos. Eram quase duas horas, todos alegres, bambeados por duas garrafas de cerveja. Todos iam deitar, dormir ou mexer na cama, pouco importa, porque é bom uma insônia feliz. O diabo é que a Rose, católica antes de ser Rose, prometera me esperar com uma champanha. Pra poder sair, menti, falei que ia a uma festa de amigo, beijei mamãe e pisquei pra ela, modo de contar onde é que ia e fazê-la sofrer seu bocado. As outras duas mulheres beijei sem piscar. E agora, Rose!...